ARCHEOLOGIA

RELIGIOSA

NOTICIA DOS ULTIMOS CONVENTOS
DE RELIGIOSAS NO PORTO

PELO

PADRE F. J. PATRICIO

PORTO
LIVRARIA PORTUENSE DE CLAVEL & C.ª—EDITORES
119, Rua do Almada, 123

MDCCCLXXXII

Porto — Typ. Occidental, Fabrica, 66

PREFACIO

Não foram os applausos da sociedade e o proposito de querer ser conhecido como sabedor de antiguidades os motivos que me levaram a escrever esta ligeira noticia dos ultimos conventos de religiosas do Porto, mas os bons desejos de proporcionar alguns apontamentos uteis a quem um dia se der ao labor de escrever, completa, a historia d'esta cidade.

Quando se extinguirem estes monumentos de piedade que herdamos dos seculos passados já será mais difficil reco-

lher alguns documentos que deem luz aos que se votam aos estudos da archeologia.

As chronicas das ordens religiosas, as velhas descripções do Porto, o archivo da camara municipal e os papeis d'alguns conventos foram a minha guia n'este humilde e despretencioso estudo para o qual seria indesculpavel falta não rogar a benevolencia do leitor.

Este trabalho foi primeiro publicado em artigos na folha litteraria do domingo do *Commercio Portuguez*, mas como houvesse algumas correcções a fazer e algumas noticias a augmentar, entendi que não seria baldada a tarefa de por este meio o reproduzir.

Porto, 1882.

O AUCTOR.

ARCHEOLOGIA RELIGIOSA

I

Convento de Corpus Christi

(EM VILLA NOVA DE GAYA)

Dentro em poucos annos terão terminado os ultimos vestigios da vida monastica quando se extinguirem, pelo fallecimento das ultimas religiosas, esses conventos que ainda restam, e aonde já bem poucas senhoras se encontram.

Assim terá terminado uma herança que nos deixou o passado, e virá depois o esquecimento cobrir as ruinas dos mosteiros outr'ora florescentissimos.

Antes que esse facto se realise, bom é deixar á historia alguns apontamentos e renovar algumas noticias que ácerca dos mosteiros se encontram em livros já hoje bem pouco manuseados.

Farei pois por fornecer alguns esclare-

cimentos e ligeiras notas a respeito dos mosteiros de religiosas que actualmente possue o Porto e Villa Nova de Gaya; isto apenas como umas leves indicações, pois conheço que longa seria a narração das circumstancias da edificação, da historia e mesmo das tradições de muitos d'elles. Que de noticias haveria a rectificar que de arcanos a descobrir, que de mysterios a desvendar!

Os tres conventos que ha actualmente no Porto e Gaya, aonde ainda existem religiosas professas são:—AVE MARIA, de religiosas benedictinas; SANTA CLARA, de religiosas observantes da regra de S. Francisco; CORPUS CHRISTI, de religiosas de S. Domingos.

Comecemos por este ultimo segundo a ordem dos meus ligeiros apontamentos.

No meado do seculo XIV vivia em Villa Nova de Gaya uma notavel senhora que se votou á empreza de transformar a sua propria habitação em um convento, e, edificando templo e dormitorios, tirar as respectivas bullas e licenças e dotal-o com as rendas precisas para a sustentação do culto e das religiosas.

Era esta senhora D. Maria Mendes Petite, filha de D. Soeiro Mendes Petite, e

neta de Estevão Mendes Petite, casada com Estevão Coelho, de quem, além d'outros filhos, teve a Pero Coelho, um dos assassinos de D. Ignez de Castro, e a D. Branca Pires, mãe de D. Leonor d'Alvim, a qual, depois de viuvar de Vasco Gonçalves Barroso, casou com o condestavel Nun' Alvares Pereira.

D. Maria Mendes Petite assignou como patrimonio ao convento as terras da sua herdade de Castro, as azenhas de Tavarede e varias propriedades em Villa Nova de Gaya.

Uma bulla de Innocencio VI expedida de Avinhão a 4 de março de 1353, auctorisa a fundação do mosteiro e manda apenas augmentar a dotação, o que a fundadora fez juntando-lhe umas casas e herdade que possuia em Leiria, umas marinhas de sal em Tavarede e outras herdades em Santarem, ao que veio depois a juntar-se a quinta da Reborêda em Barroso, que ao convento legou D. Leonor d'Alvim.

Foi primeira prioreza d'este mosteiro D. Marinha Lobata, que veio do convento de Santarem no anno de 1354. Era então bispo do Porto D. Pedro Affonso, que por este tempo se achava fóra da diocese, e tratando junto da curia a pendencia que

ácerca da jurisdição sustentára com el-rei D. Affonso IV, e diz D. Rodrigo da Cunha no seu *Catalogo dos bispos do Porto* que, ao chegar de Roma, encontrára aquelle prelado o convento já edificado.

Convém declarar algumas circumstancias especiaes que se deram na edificação e fundação d'esta casa de religiosas e que véem descriptas na chronica da ordem.

Quando a illustre fundadora começou a construcção, principiou por fazer dormitorios e mais repartições da casa com as devidas officinas, e depois é que deu começo á obra da egreja. Foi por esta occasião que se fez conhecido do publico o plano das obras, pois até ahi não se presumia que D. Maria Mendes Petite, apesar de rica, influente e nobre, tivesse em vista fazer e dotar um mosteiro.

Os conegos da Sé do Porto vieram logo embargar apresentando as suas queixas em juizo, porque não se tinham tirado as respectivas licenças para a edificação; mas a fundadora não se demorou em se dirigir ao superior dos frades de S. Domigos no Porto, D. Vicente de Barcellos, e perante elle e o dr. Pedro Caires fazer a doação á ordem dominicana, doação que por estes

foi acceite em nome da ordem e das freiras e prioreza de Santarem.

Deu-se este facto e lavrou-se escriptura publica que existe no cartorio do mosteiro, em 1345.

Estomagados os conegos pelo proceder de D. Maria Petite, levaram as suas queixas até á Santa Sé, e foi nomeado por ella juiz da pendencia o bispo de Vizeu.

Esta demanda que foi mais longa do que justa por parte do cabido do Porto, terminou por uma composição amigavel feita entre os capitulares da Sé e as religiosas que já estavam de posse do convento, e ha apenas de singular no auto d'esta composição a circumstancia de que os conegos se reuniram chamados ao som de trombeta, e as freiras fizeram capitulo, sendo convocadas por meio do som de matraca, porque n'essa occasião estava a diocese do Porto interdicta pelo seu bispo e não tocavam por esse motivo os sinos.

As freiras d'este convento chamavam-se Pregarêtas — em razão de serem da ordem dos Prégadores, mas um breve de Innocencio VI, com data de 1353, chama-lhes cónegas; o que é certo, é que não foram os cónegos do Porto os seus mais dedicados protectores no começo do convento.

A casa aonde actualmente ainda existem as ultimas religiosas, demonstra as differentes reedificações por que tem passado o edificio, entre as quaes a mais importante foi por certo a que se deu em 1625 depois de uma notavel cheia do rio Douro que envolveu e inundou uma parte do convento, e foi por isso preciso proceder-se á edificação dos dormitorios superiores a mais distancia da margem.

Foi este convento um dos mais distinctos da sua ordem, e o terceiro que os dominicanos possuiram n'este reino; apresentava a egreja de Valladares; tinha muitas rendas, fóros, isenções e privilegios, e floresceram alli notaveis exemplos de virtude e saber muito dignos de serem registrados.

Para completar a curiosidade dos amadores d'estas escavações historicas, citarei os nomes das senhoras mais notaveis d'esta casa de piedade.

Floresceram e distinguiram-se alli: — D. Catharina da Gloria, da familia dos Leites Pereiras, pois era filha de Diogo Leite Pereira, que nasceu em 1499 e falleceu em 1620, vindo a ter 120 annos de edade e 104 de clausura. Conheceu esta virtuosa senhora sete reis e dôze bispos, e conservou

uma memoria vivissima até aos ultimos tempos de sua vida.

Tambem alli viveu até á avançada edade de 115 annos, D. Izabel da Madre de Deus, que foi modelo de distinctas virtudes.

Para juntar a estas religiosas de vida tão longa, registram os annaes da ordem a vida e virtudes de duas notaveis donzellas que alli floresceram, D. Maria do Presepio e D. Joanna da Gloria. D'esta ultima se contam altas virtudes e se lhe attribuem os dotes propheticos, e a sua campa foi por muito tempo venerada com um certo culto.

Tornaram-se distinctas n'este convento as religiosas D. Agueda da Graça e D. Juliana de S. Bernardo, que a 2 de setembro de 1640 sahiram para o convento do Tojal que foram encarregadas de instituir e reger.

D. Maria de S. José, irmã do notavel bispo do Porto, D. Nicolau Monteiro e D. Anna da Apresentação, da casa dos marquezes de Marialva e tia de D. Fradique de Menezes, senhor de Barca e D. José de Menezes, arcebispo de Braga.

Citam as memorias d'esta religiosa casa as notaveis senhoras D. Maria do Rosario, D. Catharina de S. Jacintho, D. Luiza de S.

Raymundo, D. Maria do Sacramento, D. Joanna Baptista e D. Anna de Jesus, que floresceram pelo exercicio de muitas virtudes e acrisolado amor aos preceitos da vida ascetica.

Teve este mosteiro muitas religiosas, contando o padre Rebello na sua *Descripção do Porto* que havia no anno de 1788 setenta professas: hoje, porém, o numero é limitadissimo, pois ha apenas duas religiosas que são:—D. Marcellina Candida Vianna, vigaria *in capite*, natural de Villa Nova de Gaya, que tomou habito em 19 de novembro de 1825 e professou em 25 de novembro de 1826 e D. Thereza Theophila do Valle, escrivã, natural do Porto, que tomou habito em 1 de dezembro de 1827 e professou em 8 de dezembro de 1828.

Entre as tradições curiosas d'este convento conta-se a de terem, as freiras abandonado a sua casa em uma occasião de epidemia que grassava nas visinhanças do Porto, e terem-se retirado para distancia aonde falleceram só de uma vez cinco religiosas, emquanto que tres que ficaram no seu posto e não seguiram as companheiras, escaparam. Tambem durante o cêrco de 1832 a 1834 foi este convento abandonado pelas religiosas em consequencia de ficar collo-

cado entre o fogo das baterias e offerecer gravissimo risco a vida das pessoas que alli permanecessem.

Foi uma penosa jornada a que as religiosas supportaram, transportadas com as escassas commodidades, e por caminhos maus, dando volta por Arouca e outras terras afim de seguirem para Vairão e Villa do Conde, d'onde só voltaram depois de concluida a campanha liberal!

A parte superior do convento está regularmente conservada, mas as antigas habitações e o primitivo claustro estão em eminente ruina.

No templo actual, que já não é este o primitivo, vê-se um tumulo collocado sobre uma porta que do lado da epistola dá communicação para o corredor interno que conduz á sacristia. Repousam alli os restos de D. Alvaro Eannes de Sernache, homem altamente illustre que foi senhor de Gaya, alferes que batalhou em Aljubarrota na Ala dos Namorados, em Ceuta e outros combates, fundador de um hospital em Sernache, e que edificou a casa de Campo Bello em Gaya, aonde falleceu.

Presume-se que este tumulo estava em capella especial que o illustre chefe da familia dos Sernaches tinha edificado para

si e para os seus na egreja antiga do convento e que depois da reconstrucção foi trasladado para o sitio aonde está.

Assim o provam alguns documentos que possue o actual senhor da casa de Campo Bello o exc.mo snr. dr. Adriano de Paiva de Faria Leite Brandão, que ainda ha alguns annos encontrou na sua propriedade uma pedra que parece ter sido a campa do primitivo tumulo que estava, segundo esses documentos, em uma capella da invocação de S. Thiago, na antiga egreja.

A inscripção gravada n'essa pedra é: «Aqui jaz Alvaro Eannes de Sernache, cavalleiro criado que foi de D. Johan, cuja alma Deus haja, e anadel mór de besteiros de cavallo, e alferes que foi da bandeira dos namorados na batalha real e em todas as outras guerras, o qual se finou na era de *myl et* CCCC *et* XXXXII anos.»

No tumulo actual ainda se vêem as armas dos Sernaches e uma inscripção que designa o illustre finado que alli repousa.

II

Convento de Santa Clara do Torrão, em Entre os Rios, trasladado para a cidade do Porto

Dois mosteiros de religiosas observantes, teve n'esta cidade a ordem de S. Francisco; um dentro de muros (segundos que teve a cidade) e outro fóra; e o primero é o que ainda hoje existe em boa e regular observancia da regra serafica, o de Santa Clara, e o segundo, já hoje extincto e demudado completamente o edificio, é o de Monchique.

O convento de Santa Clara é d'aquelles que foram fundados pela reunião de religiosas transferidas de outros mosteiros e d'alguns extinctos.

Sendo bispo do Porto D. Vicente Mendes e achando-se este prelado a tratar negocios na curia, passou escriptura e licença

para que D. Chama Gomes, mulher de D. Rodrigo Frosio, pessoas illustres e poderosas de meios, podesse fundar em Entre os Rios, no logar do Torrão, um mosteiro de religiosas da ordem de S. Francisco; isto nos annos de 1264, seguindo-se a instituição do mosteiro que floresceu até aos tempos de D. João I que obteve licença para o extinguir e mudar as religiosas para o de Santa Clara no Porto.

Este mosteiro de Entre os Rios vem ainda citado com muitos outros já hoje extinctos, em uma bulla do papa Calixto II em que se mencionam os conventos que possuia o bispado do Porto.

Foi, pois, nos tempos de D. João I que o rev. frei João de Xira, da ordem de S. Francisco e confessor da rainha D. Filippa, poude resolver el-rei e obter as bullas de João XXII, para se edificar o mosteiro de Santa Clara no local aonde hoje se encontra, e fazer para alli a trasladação das religiosas de Entre os Rios.

Muito de proposito extractarei a seguinte carta de D. João I, em que se vê a noticia d'esta fundação.

«D. João, por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, e senhor de Ceuta. A

quantos esta carta virem fazemos saber que, estando nós na cidade do Porto, o mestre frei João Xira, frade da Ordem de S. Francisco, nosso confessor, nos requereu e pediu de mercê que edificassemos na dita cidade um mosteiro de Santa Clara de *Antre-ambos os Rios*, para o que tinha licença do padre santo, e nós vendo isto, e lembrando-nos de que a rainha D. Filippa, minha mulher, a que Deus accrescente em a gloria, antes do seu finamento nos encommendou e pediu de mercê, que o mandassemos fazer, mandamos chamar D. Fernando, bispo da dita cidade, nosso sobrinho, e com elle ordenamos que fosse feita uma procissão solemne, a qual se fez aos 28 dias do mez de março, indo em ella o dito bispo, e D. Lourenço, bispo de Mayorgas, e D. frei Nicolau, bispo de Marrocos, e todos os conegos e meus conegos, e frades de S. Francisco e S. Domingos, d'esta cidade, revestidos e vestidos em sobrepelizes, como se costuma fazer: em a qual procissão nós fomos, e o infante D. Fernando e o conde D. Affonso de Barcellos, meus filhos, e João Gomes da Silva, nosso alferes mór, e do nosso conselho, e Gil Vasques da Cunha, e João Alvares Pereira, e João Rodrigues de Sá, nosso camarista mór, e muitos ou-

*

tros cavalheiros, e escudeiros, e todos os cidadãos e donas da dita cidade, e foram assim com a dita procissão ao lugar que chamam os Carvalhos do Monte, o qual lugar e campo aprouve, e foi dado por aquelles a que o dito campo pertencia a dar, e por nosso outorgamento, e aprazimento e por a dita cidade, ao dito convento para se em elle edificar, e fazer o dito mosteiro, e feita a dita procissão mui solemnemente como dito é, foi ahi apresentada, lida e publicada por D. Frei Martim Ayres, abbade do mosteiro de Santo Thyrso, de Riba de Abe uma lettra do Papa João, na qual se continha que elle, havendo por serviço de Deus, dava logar e dispensa para o dito mosteiro de Santa Clara de Antre Ambos os Rios se trasladasse, e se edificasse, e fizesse dentro da dita cidade e no dito campo, e lhe outhorgava e dava certos privilegios e liberdades, segundo na dita lettra tudo mais cumpridamente se continha, e lida a dita lettra e publicada, e acabada a dita procissão, e feitas todas as bençãos e cerimonias que se haviam de fazer, nós por nossa mão puzemos logo, e assentamos no canto direito do dito mosteiro uma pedra, e o dito infante no outro canto, e o dito conde em uma parte do cruzeiro ou-

tra, e o dito bispo do Porto outra em outra parte do cruzeiro, e isto feito, foi ahi dita uma missa cantada por o dito bispo de Marrocos e uma prégação pelo dito bispo de Mayorgas, e em testemunho d'isto, por ser verdade, e sem duvida, mandamos dar esta carta á Abbadessa do dito mosteiro, assellada com o nosso sêllo de chumbo, e assinada de nossa mão. E esta carta lhe mandamos dar por memorial para sempre de seu direito, e assim para os que de nós descenderem, haverem e receberem o dito mosteiro em sua guarda e defendimento, e assim como nós recebemos, porque por nós foi, assim como dito é, fundado e edificado. *Dada em Cintra a 20 de Maio. El-Rei o mandou. Fernão Rodrigues a fez. Era 1454.*»

Proseguiram as obras e o convento ficou prompto, occupando a área que hoje occupa, desde a egreja até ao mirante do lado do sul aonde terminava a cêrca para o lado do rio. A parte que se dilata para o lado do norte é um quarteirão construido n'um estylo diverso e que foi feito muito posteriormente.

O convento actual que encosta do lado do nascente aos antigos muros da cidade

em grande extensão de muro com ameias e tres torres, e vem até á Porta do Sol, recentemente demolida, mostra bem pelo gosto da architectura externa a differença das reconstrucções.

Contou este convento muitas religiosas e deu muitas abbadessas para outros da mesma ordem.

Nos tempos de D. Rodrigo da Cunha tinha oitenta e oito religiosas professas, cinco noviças e uma conversa, e o padre Rebello, na sua *Descripção do Porto* diz que na sua epoca tinha noventa e nove religiosas e que todo o pessoal do convento prefazia a conta de tresentas pessoas de grades a dentro.

Apresentava esta casa de religiosas as seguintes egrejas; Avioso, Belens, S. Jorge, Penajoia, Ramalde, Villar d'Andorinha e Torrão.

Possuia este convento muitos foros, recebia notaveis rendas que o tornavam poderoso e por isso as solemnidades do culto eram ali feitas com muita pompa. Para isso tinham as religiosas o privilegio de usarem sobrepeliz como os ecclesiasticos; possuiam notaveis alfaias para o culto e muitas preciosidades artisticas de alto merecimento como eram as custodias, thuribulos, alam-

padas, castiçaes e um sacrario, tudo de prata e com preciosos lavores.

Na invasão franceza, foi este convento assaltado pelos soldados de Napoleão que chegaram a forçar a portaria e subiram até ao primeiro lanço de escadas, mas retrocederam sem entrarem no labyrintho de corredores que lhes ficava de frente talvez pelo receio de embuscada, ou por contra ordem prudentemente dada em tal occasião; receberam pelo inventario as pratas do convento e sahiram sem commetterem mais desacatos.

Durante o tempo do cêrco, 1832 a 1834, varias religiosas sahiram para casa de suas familias, mas no convento ficou ainda o numero precioso para não deixar de resar-se alli o officio divino todos os dias.

Alguns estilhaços das granadas e mesmo algumas balas razas cahiam com frequencia na casa e na cêrca, havendo por isso algumas pessoas feridas e uma ou duas mortalmente, e por este motivo resolveram as freiras fazer os officios religiosos no côro inferior e como ahi ainda se não reputassem seguras, nos dias mais temerosos do assedio iam para um logar subterraneo e ahi resavam as horas do officio, sem haver um dia em que o convento se

podesse dizer abandonado e o serviço do culto interrompido.

Se durante este periodo de continuos sobresaltos para quem vivia n'esta cidade houve alguns conventos abandonados, como foi o de Villa Nova de Gaya, os de Monchique e Carmelitas, vindo até o abandono a ser a causa principal da extincção d'estes ultimos, o convento de Santa Clara foi sempre respeitado pelos esforçados batalhadores que defendiam a cidade, e prestou até alguns serviços ao exercito liberal, satisfazendo promptamente as continuas requisições de camas, roupas, fios e ataduras para os regimentos que defendiam as linhas da cidade.

Apezar das preciosidades que a invasão franceza levou, e que eram de muito valor, possue ainda este convento alguns paramentos de muito merecimento e um cortinado completo de damasco muito apreciavel.

O templo é de severo estylo, que a par da riqueza dos ornatos que o guarnecem, pois é todo coberto de bella talha dourada, o torna apreciavel. Tem, além do altar-mór que é de muito merecimento, sete altares lateraes com boas imagens, dois córos com muitos adornos artisticos, cadei-

ras proprias para as religiosas e um bom orgão.

A porta principal do templo é um dos mais bellos exemplares que possuimos n'esta cidade do estylo architectonico, que distingue os templos d'aquella época, e a parte externa do templo que fica voltada para o norte, e fórma um dos quatro muros do pateo exterior, têm todo o rigor das construcções antigas.

E' tambem de bom gosto e antigo estylo o ornato exterior da entrada para o convento, e que dá para o dito pateo central.

Restam actualmente n'este convento tres religiosas, com o pessoal do serviço, as senhoras recolhidas alli e as cantoras do côro: pallido reflexo do grande pessoal que teve esta casa religiosa nos tempos do seu esplendor.

Tem o convento de Santa Clara o titulo de *Real Mosteiro* e conserva ainda as armas reaes sobre a portaria e em outros logares mais salientes bem como no templo. Era considerado como donatario da corôa e apresentava as egrejas que já tive occasião de dizer, sendo além disso, senhor donatario do Couto de Entre os Rios, aonde tinha cadeia, casa de audiencias e apresen-

tava as justiças. Era egualmente proprietario das barcas dos rios Tamega e Douro, de que recebia o producto das passagens e esteve de posse d'este privilegio até 1834, em que passou para a camara de Bemviver.

Os viscondes de Villa Nova de Souto de El-Rei, como representantes de D. Diogo Pereira Forjaz Coutinho, téem jazigo na capella mór da egreja d'este mosteiro, aonde ainda hoje se conservam as armas d'este titular gravadas em um dos lados da capella mór, servindo-lhe de *pendant* ás armas da ordem serafica.

Contou este mosteiro, no numero das religiosas que o habitaram, senhoras de notavel virtude e que se tornaram distinctas pela celebridade que deram ao seu nome. Entre as mais notaveis citarei as seguintes que merecem particular menção:

No anno de 1469 falleceu ali D. Briolanja Ferraz, que foi notavel pela sua illustração e virtudes e que exerceu o logar de abbadessa durante sessenta e um annos.

Pertenciam a este convento D. Maria Victoria, que durante 120 annos esteve na clausura; D. Beatriz Madureira, que foi distincta pela sua inexcedivel caridade; D.

Michaella dos Anjos, que sahiu para ir fundar o convento das Capuchas de Guimarães, aonde morreu com tal prestigio, que as religiosas lhe mandaram escrever e publicar a biographia; D. Jacintha de Santo Antonio, cuja austeridade de penitencias a que se dava e virtudes que exercia, lhe fizeram crear entre as religiosas uma dedicação e culto, e, tendo sido exhumado o cadaver passados bastantes annos, foi encontrado incorrupto, depois do que foi encerrado na arca de pedra aonde ainda hoje se acha no claustro.

Foi igualmente muito notavel pela sua illustração e saber D. Dula Maria Garcia, fallecida em 22 de novembro de 1835. Tinha variados conhecimentos scientificos e litterarios, fallava com muita facilidade e correcção varias linguas e foi distincta pelo tino administrativo com que exerceu o logar de abbadessa em tempos difficeis, como foram os das nossas luctas politicas de 1820 até 1834, e quando ainda o convento contava cincoenta religiosas professas.

Quem visita o templo, ainda hoje alli depara com um quadro de notavel merecimento e que é o painel do altar mór, obra que se crê ser do distincto e primoroso

pintor Vieira, portuense, mandada fazer por esta digna abbadessa, a quem não eram extranhos os conhecimentos artisticos.

Para concluir, darei a lista das ultimas senhoras que teem exercido o logar de abbadessa d'este mosteiro desde 1835 até á presente data. Seguiu-se a D. Dula, D. Rita Roberta Viterbo, sobrinha do rev. conego Viterbo, que foi um dos fundadores do hospital do Terço; seguiu-se-lhe D. Rita Raphaella que falleceu ao segundo dia em que exerceu o logar de superiora; seguiu-se-lhe D. Rita de Cassia Guerner; a esta seguiu-lhe D. Maria Victoria da Fonseca e a esta D. Anna Candida Telles Carneiro, á qual succedeu a actual abbadessa que é a exc.ma D. Maria da Gloria d'Azeredo Teixeira.

O padre Francisco Gonzaga fallando d'este convento na sua obra—*De origine Seraphice Religionis Franciscanae,* diz que as religiosas d'este mosteiro possuiam, alem de outras reliquias notaveis, um dente de Santa Izabel, rainha d'Hungria e um pedaço do véu de Santa Clara, pertencendo outro pedaço ás religiosas de Monchique, que tambem tinham, além d'esta reliquia da matriarcha, outras reliquias de Santa Izabel d'Hungria.

III

Convento de Monchique

O convento d'este nome que ficava fóra de muros e junto á margem direita do rio Douro, na freguezia de S. Pedro de Miragaya, foi fundado e dotado por D. Beatriz de Vilhena, mulher de Pedro da Cunha Coutinho, fidalgos muito distinctos, em 1575.

Era conhecido pela designação de — Mosteiro da Madre de Deus de Monchique, de religiosas observantes da regra de S. Francisco.

Apresentava as egrejas de Cediellos e Pindello e tinha rendas importantes.

A construcção geral do convento tinha uma fórma pouco regular em consequencia do accidentado do terreno, por ser collo-

cado na falda de um monte que tem bastante declive, por isso a casa se dividia em varios quarteirões collocados em differentes planos. Tinha, porém, um espaçoso pateo que dava ampla communicação para as diversas repartições do convento e da egreja e ao centro d'esse pateo havia um elegante chafariz.

Tinha mais do que um claustro interior e o aspecto externo, apesar de denotar varias reconstrucções, tinha uma boa apparencia, visto do lado do rio ou da outra margem, pois alguns quarteirões tinham os extremos guarnecidos de ameias e elegantes torres a imitar os fortins de guerra e minaretes dos antigos castellos.

A egreja era formosissima e tinha preciosa entalha dourada, bem como alguns retabulos de alto relevo e boas imagens; mas o abandono em que esteve por muitos annos, depois da extincção das ordens religiosas e da sahida das freiras que habitavam este mosteiro, foi a causa de se estragarem e perderem algumas preciosidades, vindo por ultimo a serem cedidos para varios templos os restos da entalha dourada, sendo o principal que herdou n'esta descurada *liquidação* o templo de S. Mamede de Infesta, aonde estão altares e outros or-

natos, que para alli foram cedidos e trasladados.

Tinha esta casa de religiosas setenta professas, afóra as noviças, educandas, recolhidas e serventes, o que prefazia um numero importante.

D. Rodrigo da Cunha dá a este convento o seguinte pessoal, ao tempo em que escreveu o *Cathalogo dos bispos do Porto:* setenta e tres freiras, tres noviças e sete conversas.

Desde que as ultimas religiosas foram removidas para outros mosteiros, e a casa ficou abandonada das suas legitimas habitadoras, foi aproveitada uma parte para ser alugada a particulares e outra para repartições, taes como a casa de moeda, provisoria, que houve no Porto em 1846, e aonde se cunharam os celebres patacos chamados *carimbados*, e que bem pouco curso teem fóra d'esta cidade.

Esteve tambem alli estabelecido o Trem Militar, deposito de munições e até paiol; serviu depois o convento para a repartição de obras e armazens de ferramentas durante a construcção da alfandega, que fica proxima e a varios outros misteres, continuando a parte superior a progredir em grandes ruinas, até que foi pelo governo

vendido em hasta publica em 1874, e arrematado por diversos proprietarios.

Tres coisas notaveis havia ali ainda ha pouco e cujo destino se ignora, para não dizer que, infelizmente, é facil de presumir que fosse o abandono. Eram: — uma devotissima imagem que sempre se conservou venerada pelos fieis, apesar de ser a unica que ficára até á ultima profanação praticada n'aquella casa de oração e virtude; alguns azulejos dos claustros e capellas que eram de merecimento, como amostras da arte ceramica em Portugal, e o tumulo da Madre Leocadia da Conceição.

Houve ali tambem uma pedra que o infatigavel archeologo portuguez e notavel investigador, a quem o paiz deve distinctos serviços, o snr. J. Possidonio N. da Silva, encontrou em 1863 e poude obter para o museu do Carmo, em Lisboa, onde se acha com uma traducção perfeita da inscripção hebraica que continha. D'esta traducção, assim como da fórma d'esta pedra, não póde bem precisamente dizer-se que facto commemora ou que testemunho liberalisa á posteridade.

Esteve n'este convento uma notavel religiosa que se tornou muito conhecida e celebre pelas virtudes de que era dotada e

pelos factos miraculosos e vaticinios propheticos que lhe attribuiam e que a tornaram muito querida e estimada das pessoas mais notaveis do reino, desde o monarcha, que era D. João IV, até ao bispo do Porto D. João de Sousa, ao padre Balthasar Guedes, fundador do Collegio dos Orphãos, á condessa de Miranda, ao conde de Castello Melhor, e a outras pessoas de muita distincção que se correspondiam com ella e a visitavam. Chamou-se a madre Leocadia da Conceição.

Era natural de Freixo de Espada-á-Cinta e entrou para o convento aos quatorze annos, em 1600, vindo a fallecer no dia 1 de dezembro de 1686, com noventa annos de edade.

O viver, as prophecias e visões d'esta celebre religiosa já deram assumpto a tres biographos que lhe delinearam a vida e feitos, e foram Nuno Barreto Fuzeiro, frei Francisco Aracoeli e uma religiosa do mesmo convento e que se diz collega, particular amiga e enfermeira da Madre Leocadia.

Durante algum tempo serviram as prophecias da Madre Leocadia para entreterem os sonhos e devaneios dos *sebastianistas* que interpretavam a seu modo algumas visões propheticas da celebre religiosa, taes

como umas visões que se referiam ao *cavalleiro encoberto*, isto é, um cavalleiro de lusente armadura e que trazia no escudo as armas portuguezes, mas que jámais levantava a viseira do elmo para poder ser conhecido.

Complete agora o leitor o resto das visões com os dois elementos que lhe faltam —*o cavallo branco e a manhã de nevoeiro* —e está tudo *claro* como agua! Não faltou tambem quem talvez ainda em tempos mais recentes se lembrasse de buscar nas prophecias da religiosa de Monchique o *prognostico politico* de algumas cousas extraordinarias como as que José Agostinho de Macedo *viu* na sua Viagem Estatica.

Foi esta religiosa muito venerada em vida e muito pranteada na morte, havendo taes manifestações do culto popular por occasião do seu enterro, que o habito e ornatos funerarios que levava para a sepultura foram arrebatados e distribuidos pela multidão.

Era uma justa homenagem á virtude!

Perdoe-se aos que abusaram do sentido das desordenadas phrases que nos enthusiasmos dos seus extasis proferia esta mulher tão votada aos rigores da vida ascetica e aos arroubamentos do mysticismo;

mas preste-se ao merecimento e á abnegação devido culto.

Os factos mais notaveis da vida d'esta religiosa vieram até aos nossos dias, embora transformados e envoltos em mystificações, mas na corrente poetica das crenças e tradições populares.

O padre Francisco Gonzaga tambem falla muito especialmente de uma notavel senhora d'este mosteiro que foi abbadessa durante 28 annos, que teve muita influencia em vida e foi venerada depois de morta, por ter sido distincta pela austeridade de seu viver e esplendor de suas virtudes.

O antigo mosteiro de Monchique pertence hoje a mais do que um possuidor, está applicado a armazens, habitações e a uma fabrica.

*

IV

Convento da Avè Maria

Contava a ordem benedictina já um crescido numero de conventos n'este paiz, desde os tempos em que fundára o mosteiro de Lorvão (mais antigo do que a monarchia) quando a munificencia regia quiz contribuir tão poderosamente para a formação do convento da Avè-Maria, no Porto, escolhendo o sitio junto á porta da cidade chamada a Porta de Carros, aonde ainda actualmente está.

Desejando el-rei D. Manoel prestar á ordem benedicta o assignalado serviço de reunir em um só varios mosteiros de pequena importancia e menos bem collocados, deliberou edificar n'esta cidade um mosteiro de religiosas d'esta ordem, que

fosse formado pelas que existiam nos conventos de Tuias, Rio Tinto, Villa Cova e Tarouquella. Para isso muniu-se das respectivas bullas pontificias e mandou começar a edificação da casa no anno de 1518, sendo então bispo do Porto D. Pedro da Costa, que foi confessor e capellão-mór da imperatriz D. Izabel, mulher de Carlos v.

Quando falleceu D. Manoel, em 1521, já as obras estavam bastante adiantadas, faltando apenas os forros dos tectos, terminar o claustro e pôr as grades, o que D. João III mandou fazer, vindo a ficar tudo prompto no anno de 1527, em que por ordem d'este monarcha, foram mandadas examinar todas as obras do convento e inspeccionar toda a construcção, entrando as religiosas para tomar posse e sendo inaugurado em 6 de janeiro de 1535.

N'esse dia vieram as religiosas dos quatro mosteiros extinctos e fizeram a sua entrada solemne e juramento de obediencia á nova abbadessa D. Maria de Mello, sobrinha da abbadessa d'Arouca, D. Milicia de Mello, que tinha obtido dispensa pontificia para mudar o habito de S. Bernardo para o da ordem de S. Bento, e tinha recebido a nomeação regia para tão elevado

cargo, vindo de Arouca para Tarouca e de ahi para o Porto.

O acto da posse foi revestido de toda a solemnidade; assistiram a elle todas as auctoridades da cidade e foram as chaves do convento entregues á abbadessa pelo feitor da real casa de sua magestade.

Diz a Benedictina Lusitana, que a rua das Flores, aberta por aquelles tempos em que foi edificado o convento, tomou tal nome em razão d'este se tornar um formoso canteiro de flôres de virtude e santidade, e n'esse sentido cita a chronica os seguintes versos:

PERGUNTA

Germina si florum, si calthe, ac lilia desunt
Cur florum gaudet nomine, flore carens?

RESPOSTA

Vertice, Pontifices florens Benedictus in horto;
Virgineis reddit florea saxa rosis.

Apresentava este convento as seguintes egrejas:

Escariz, Fajões, Gião, Guisande, Madeira, Mosteiró, Oliveira d'Azemeis, S. Pedro de Fins, Rio Tinto, Sandim, Tarouquella, Vallongo e Tuias, e possuia muito importantes rendas e privilegios, entre os quaes tinha

a abbadessa d'esta casa de religiosas o direito de apresentar os juizes e capitães nas terras e coutos aonde tinha jurisdição.

Diz o padre Agostinho Rebello da Costa, na sua *Descripção do Porto,* que este convento tinha de renda mais de trinta mil cruzados.

Edificado na ladeira que desce desde o alto da Batalha até ao sitio aonde havia umas antigas hortas, estende-se a construcção de nascente a poente, servindo-lhe de vedação da parte do norte a muralha da cidade, que ainda hoje se conserva, e ficando a egreja voltada ao correr da parte do convento que olha para o lado do sul.

Tem, além d'isto, amplas casas para capellães, espaçosas cosinhas, uma cêrca de extensas proporções e claustro: tudo de opulenta construcção, como eram as obras que por D. Manoel foram mandadas fazer.

Póde, com segurança, dizer-se que o convento, a rua das Flores e a Porta de Carros foram obras quasi coevas e filhas do mesmo plano de aformoseamento da cidade, concebido pelo dito monarcha.

A Porta de Carros tinha uma legenda no alto do arco, gravada em pedra, que dizia: — No anno de 1521, reinando D. Manoel, foi aberta esta porta e ao mesmo tempo

esta rua, que vae d'aqui até ao templo de S. Domingos, por deliberação de Antonio Corrêa, corregedor d'esta provincia.

O texto latino era o seguinte:

Regnante Divo Emmanuele,
Qui primus Portugaliae regum
Ad mare usque Indicum, et
Scyticum Lusitaniae Imperium
Propagavit, aperta fuit haec.
Porta, simulque via, quae hinc
In Sancti Dominici Templum
Ducit, Industria Antonii Correa
Hujus Provinciae Correctoris.

1521.

Em frente do convento realisou-se durante muito tempo uma feira que deu ao largo que se estende até á entrada da rua das Flores, o nome que ainda hoje conserva—*Largo da Feira de S. Bento.*

A este largo vem hoje ter a rua do Mousinho da Silveira, que se inaugurou no dia 9 de julho d'este anno, a qual fez uma ampla e espaçosa ligação do largo da Feira com a rua de S. João, vindo com isto a lucrar muito o convento, pois gosa mais ampla vista. E já que incidentalmente fallei d'esta nova rua, direi que ella, assentando

sobre um bem construido aqueducto por onde corre o riacho chamado Rio da Villa, fez com as obras de sua construcção desapparecer a ponte chamada *Ponte Nova,* de construcção muito antiga, e de que já nos falla o profundo historiador Alexandre Herculano, quando descreve o casamento de D. Fernando I, e diz que por ella passou a notavel cavalgata que se dirigia para esta cidade, fazendo jornada para Leça do Balio, aonde aquelle monarcha recebeu por esposa D. Leonor. (Vid.—*Arrhas por fôro d'Hespanha*).

A capella de S. Chrispim, que tinha hospicio para os peregrinos e que passou a ser construida em outro local.

Os antigos *aloques* ou *pellames*, eram uns velhos tanques, que, depois de servirem por muito tempo para cortumes da sola, foram abandonados e destinados para deposito de immundicies.

Ainda hoje no *calão* do povo serve este nome para significar o que ha de mais asqueroso, despresivel e nojento.

E, finalmente, a capella de S. Roque e o Largo do Souto, largo que tinha um semi-circulo formado por casas regulares, ao centro das quaes estava a capella e d'ella desciam dois lanços de escadas, um de

cada lado, que tinham a meio um tanque espaçoso que recebia a agua de uma figura de pedra que representava um genio montado em um golphinho.

Esta capella fôra edificada em 1581 junto da egreja da Sé, por occasião de uma peste que assolou o reino e fez bastantes victimas n'esta cidade; mas o terramoto de 1755, que se fez sentir em todo o reino, arruinou-a por fórma que teve de ser apeada e reconstruida quasi completamente de novo e com fórma muito mais elegante, no largo do Souto.

A ruina que soffreu, a reconstrucção e agora a demolição foram um desmentido formal que o tempo se encarregou de dar á immodesta inscripção que os seus edificadores lhe tinham gravado na fronte e que dizia assim:

Stet haec domus donec formica totum imbibat
Mare, et donec testudo totum circumambulet orbem!

Permanecerá de pé esta capella até que uma formiga
beba todo o mar e uma tartaruga dê volta ao globo!

O convento das religiosas benedictinas no Porto, tinha o esplendor e a riqueza das grandes casas monasticas e chegou por isso

a pagar para o estado como um grande contribuinte.

Em 1822 contribuiu para a amortisação da divida publica com a quantia de réis 1:584$441 e a collecta de decima ecclesiastica que pagava em 1823 era de 600$000 réis.

A formosa egreja que tem este convento, ampla, elegante e de bom gosto architectonico, com dois espaçosos córos, orgão, tribuna e altares muito bem dispostos, não é a da primitiva edificação de D. Manoel. Essa foi devorada por um incendio que, partindo do claustro, a destruiu, damnificando ao mesmo tempo a parte do convento que lhe ficava junta.

Esse sinistro deu-se em 10 de outubro de 1783, á uma hora e meia depois da meia noite e lavrou o terrivel elemento com tal intensidade, que já na manhã seguinte, quando os habitantes da cidade começaram a circular pelas ruas e o movimento commercial e operario principiou, já tudo estava reduzido a um montão de destroços e ruinas.

Apenas o prelado da diocese, que era então D. João Raphael de Mendonça, soube do sinistro veio ao convento dar providencias e ordenou que na sala da grade d'onde se falla á abbadessa se erguesse um altar

para ser alli celebrada a missa e que as salas chamadas das noviças fossem destinadas a servirem de côro para as religiosas alli resarem os officios.

Era então prelada D. Sophia Brandão de Castilho Perestrello e servia de escrivã sua irmã D. Isabel Clara. Foram dadas logo as respectivas ordens para se proceder á reedificação, vindo as obras a começar nove mezes depois do incendio.

No dia 7 de junho de 1784 veio o mesmo prelado collocar a primeira pedra e presidir a uma lusentissima festividade a que assistiram as pessoas mais distinctas do Porto e grande numero de religiosos, não só da ordem de S. Bento como de outras ordens.

A casa estava exteriormente adornada com cortinas e cobertores de damasco nas janellas e haviam preparado um côro provisorio de onde as religiosas assistiram; quatro pessoas nobres da cidade pegaram ao andor aonde foi conduzida a pedra, e o bispo a collocou no sitio designado, que era entre o côro e a egreja.

Esta pedra continha uma inscripção lavrada em bronze que dizia assim:

MDCCLXXXIV

Sedente in Petri Cathedra Pio VI.

In Lusitanorum Imperio Dominante Maria I Ex.^{mos} atque D. D. Fr. Joannes Raphael Mendonça, Monachi Bethelemitus et Episcopus Portucalensis Primam lapidem Imposuit In hac novo Ecclesia ab Abbatissa D. Sophia Brandão et monialibus Monasterii Sancti Benedicti de Ave Maria Aedificata post veterem incendio extinctam.

Opus delineavit Emmanuel Alvares, ex episcopali parochia Sancta Crucis oriundus.

O illustre prelado que governava então o bispado, já não logrou assistir ao termo da obra, pois quando em 11 de junho de 1794 se abriu e inaugurou com toda a solemnidade a egreja, havia fallecido D. João Raphael de Mendonça e governava o bispado o reverendo Lourenço Correia de Sá, e a benção foi feita com grande pompa pelo provisor do bispado o reverendo Manoel Lopes Carneiro.

A esta solemnidade, seguiu-se-lhe depois a trasladação do Santissimo para a nova egreja e que teve uma pompa não inferior á da inauguração, assistindo as auctoridades e pessoas mais distinctas, o cabido e muitos religiosos benedictinos, e de outras ordens.

Em um livro antigo do archivo, que me

foi obsequiosamente mostrado pelos respeitaveis capellães do convento, com previo consentimento da illustre abbadessa, pude vêr a nota das obras e o preço de salarios, devidamente escripturada e authenticada, pela qual se conhece que a importancia total das despezas feitas com a reconstrucção do templo foi de 75:784$146 réis.

Foi architecto Manoel Alvares, natural de Santa Cruz do Bispo, que recebeu pela planta de toda a obra a quantia de 120$000 réis. Começou esta em 1784 e terminou em 1794, como já fica dito acima. A pedra para esta obra foi tirada das pedreiras do alto da Fontinha.

O pessoal d'esta casa de religiosas foi sempre importante. D. Rodrigo da Cunha diz que tinha, no seu tempo, 105 religiosas professas e 7 conversas. O padre Rebello diz que tinha, na sua epoca, mais de 80 professas e, com todas as educandas e empregadas, prefazia a conta de 300 pessoas.

A nota dada pelo convento para a secretaria dos negocios ecclesiasticos e da justiça em 21 d'abril de 1821 dava o seguinte pessoal: 55 religiosas professas, 55 criadas particulares, 52 criadas da ordem, 18 empregadas, 3 capellães, 2 medicos, 1

cirurgião, 2 advogados, 2 feitores, 1 comprador, 2 sacristães e 2 hortelões.

Em varias occasiões téem vindo encorporar-se n'este convento algumas religiosas de fóra e outras que pertenceram a conventos já extinctos.

Assim, em 1801 vieram para o convento 4 freiras do extincto mosteiro de Moimenta da Beira.

Tambem aqui foram recebidas as ultimas senhoras que estavam no antigo recolhimento do Anjo, fundação que fôra de D. Helena Pereira da Maia no anno de 1672.

Egualmente vieram para este mosteiro as 11 religiosas Carmelitas, que na noite de 19 de janeiro fugiram deixando abandonado o seu convento d'esta cidade. Alli se recolheram ainda algumas religiosas de Monchique, quando esta casa foi extincta por ordem de D. Pedro IV.

As freiras que actualmente existem são: — tres que vivem na clausura, duas fóra, e uma de Monchique; são ellas as ex.^{mas} snr.^{as} D. Ermelinda Dorothea de Freitas, da casa das Devezas (Gaya) que é a actual abbadessa e professou a 10 de novembro de 1816; D. Margarida Julia que professou a 8 de setembro de 1826; D. Maria da Gloria, que professou a 19 de novembro de 1826;

Gertrudes Magna, que professou a 8 de setembro de 1827 e D. Augusta Albano d'Apresentação, que professou a 21 d'outubro de 1828.

O pessoal d'este convento é ainda hoje importante. Celebram-se alli os officios religiosos com todo o explendor. Não foi abandonado durante o cêrco de 1832 a 1834. No templo realisam-se as festividades dos dois patriarchas S. Bento e Santa Escolastica, e ha alli uma irmandade secular de S. Bento, instituida em 1879.

V

Convento de S. José das Carmelitas Descalças

A ordem do Carmo teve um notavel impulso na peninsula devido aos esforços e trabalhos de Santa Thereza e S. João da Cruz, que foram não só os reformadores da ordem, como tambem os fundadores de um sem numero de mosteiros.

Esta reforma realisada em 1562, foi approvada por Pio IV. Gregorio XIII dividiu em 1580 a ordem em duas secções — carmelitas calçados e carmelitas descalços — e depois Gregorio XV a fez participante dos privilegios concedidos ás ordens mendicantes.

A provincia de Portugal compunha-se de 16 conventos de frades no continente,

um em Loanda e dois no Brazil, que eram o da Bahia e o de Pernambuco.

Os conventos de freiras eram sete — dois em Lisboa, S. Alberto e Conceição, e os outros em Aveiro, Carnide, Evora, Porto e Coimbra.

No tempo da dominação castelhana estabeleceram-se no Porto os frades carmelitas vindo para umas casas da rua de S. Miguel e depois conseguiram da camara a concessão gratuita do terreno no Horto do Olival, aonde fizeram o convento no anno de 1619, sendo lançada a primeira pedra em 5 de maio por D. Rodrigo da Cunha, bispo d'esta cidade, e em 5 de junho de 1822 já estava no caso de receber os religiosos e ser inaugurado como foi com toda a solemnidade.

Oitenta annos depois cuidaram os carmelitas de estabelecer no Porto um convento de religiosas da sua ordem. Effectivamente o geral frei Pedro de Jesus pediu a el-rei D. Pedro II licença para a edificação de um convento de religiosas carmelitas da regra de Santa Thereza, fóra dos muros da cidade, no logar do Calvario Velho aonde apenas havia uma ermida. O alvará de 26 de abril de 1601 dava a licença pedida e permittia á camara do Porto o

poder fazer doação dos terrenos precisos para a edificação d'esta casa. A camara deferiu em 19 de julho de 1702 e depois, a instancias da superiora do convento Madre Thereza de Jesus, concedeu em 22 de dezembro de 1702 que a edificação se estendesse para os terrenos baldios que havia junto da estrada (hoje rua das Carmelitas).

Feitas pela camara estas cedencias de terreno, trataram as religiosas da edificação para a qual tiveram de vencer ainda algumas difficuldades por causa de uns embargos interpostos por Manoel de Sousa Porto, como depois tambem litigaram, em 1732, com Domingos Alves Seixas.

Nas duas doações de terreno apparece como procurador das religiosas o padre Antonio Pereira Guedes.

As confrontações do local e a medida d'elle estão descriptas pela seguinte fórma:

«*Das costas da capella mór para o poente sete varas e meia, e correndo para o norte até entestar com as casas foreiras ao collegio dos orfãos 45 varas correndo para o nascente pela divisão do quintal do Eremitão do dito Calvario tem fóra da cêrca quatro varas e d'ahi corre-lhe em direito ao*

sul até entestar na calçada noventa e cinco varas, e vae faciando a dita calçada para o poente até ao rumo direito do cunhal da cêrca a mais o cunhal do frontespicio da dita egreja em cujo cunhal ha de fenecer o muro da cêrca, ficando terra tanto ao nascente como ao poente para logradouros publicos da cidade. (Archivo da Camara Municipal do Porto)».

Estas doações tinham como onus as seguintes condições:

«Que de todas as mulheres que pedissem para ser admittidas seriam preferidas as mais nobres da cidade e as senhoras que fossem do Porto.» Escriptura de 16 de julho de 1702. (Do mesmo Archivo).

Em 1738 foi o convento augmentando a cêrca para o lado do sul, conseguindo os terrenos por doação, que tem a data de 3 de setembro.

Assim se estabeleceram as religiosas que vieram dos conventos de Lisboa e Aveiro e formaram a communidade que, segundo a regra de Santa Thereza, não podia o numero exceder de vinte e uma.

Tinha este convento uma egreja peque-

na mas elegante e bem ornada de entalha, claustro, espaçosos dormitorios, amplas officinas e a cêrca com tanques e chafariz aonde corria a agua que lhe fôra cedida pela camara e que era a terça parte das vertentes da fonte municipal que lhe fica proxima.

Não alcançam as chronicas da ordem a época da fundação d'este convento; nenhuns documentos restam para lhe fazer a historia, e apenas o archivo do municipio contém algumas cópias dos que a pedido da prioreza, foram trasladados das escripturas publicas para os livros da camara em 7 de janeiro de 1823; d'aqui a difficuldade de dar mais desenvolvimento a esta noticia.

Quando desembarcou D. Pedro VI e o Porto ficou constituido como centro de operações para a cruzada liberal, cerraram-se as linhas e ergueram-se as trincheiras; os religiosos carmelitas que se tinham tornado salientes no tempo da nefasta dominação miguelina, fugiram do convento e não tardou tambem muito que as religiosas carmelitas lhes seguissem o exemplo.

Era na noite de 19 de janeiro de 1833 quando os vigias nocturnos que guardavam a cidade, encontraram um grupo de mulhe-

res disfarçadas que procuravam sahir para fóra da linha das trincheiras.

A noite estava escura e tempestuosa e a chuva cahia abundante sacudida pelo vento sul; os vigias assestaram as lanternas e reconheceram nas surprehendidas alguma cousa de extraordinario como era o cabello cortado e o mal acostumadas que estavam aos fatos que traziam; não foi preciso longo interrogatorio para conhecer quem ellas eram e serem logo retidas!

Chamado o juiz do bairro de Santo Ovidio e dadas as devidas participações do succedido ao quartel-general aonde se achava D. Pedro, foram mandadas com acompanhamento de força armada para o convento de S. Bento da Avè-Maria.

Era já mais de meia noite quando á porta d'este mosteiro batiam o juiz e os soldados, uns á portaria do lado da Feira e outros á porta da egreja. Levou muito tempo até que as religiosas benedictinas se resolvessem a abrir as portas a hora tão estranha, mas por fim disposeram-se a dar agasalho ás pobres fugitivas, que vinham n'um estado desolador, desfiguradas com alheios fatos, salpicadas de lama, molhadas pela chuva, fatigadas do caminho e envergonhadas do mal succedido da fuga.

As religiosas que eram dez, declararam que no convento ainda ficára doente e prostrada no leito uma companheira, D. Maria José do Amor Divino que depois foi mandada trasladar para S. Bento da Avè-Maria onde falleceu passados alguns dias.

Em 22 de janeiro de 1833 baixou ordem régia para que fossem mudadas algumas d'estas religiosas para o convento de Santa Clara, mas esta determinação foi revogada por decreto de 25 do mesmo mez e anno e assim ficaram as carmelitas no convento da Avè-Maria, até que depois do cêrco foram mandadas cinco para o convento de Vianna do Castello, uma retirou-se para a casa de sua familia e ficaram quatro, das quaes ainda ha poucos annos, falleceu a ultima.

Assim se extinguiu o convento de S. José das Carmelitas Descalças da cidade do Porto, que teve de existencia 131 annos, pouco mais ou menos!

A egreja ficou abandonada e o convento deserto até que, passado o tempo do cêrco, foram aproveitados alguns objectos que lá havia, sendo a entalha da egreja dada para a capella de Fradellos; a sanefa grande do arco cruzeiro está hoje na egreja dos Congregados e outros objectos do culto em alguns templos d'esta cidade.

A camara do Porto apenas herdou o chafariz que está hoje na praça do Anjo, e o sino que está no cemiterio do Prado do Repouso.

A casa foi depois aproveitada para se estabelecer o escriptorio, cavallariças e mais officinas da Mala-posta Real do Porto a Lisboa; esteve ali tambem a Escola Normal, depois uma estação de policia, que ainda lá se conserva; e tem o edificio servido a varias repartições, taes como: estação telegraphica, direcção de obras publicas, sendo por ultimo arrematado pela camara, que o conserva como está até começar a construcção de um mercado, que tem em vista fazer.

Já depois de pertencer a esta corporação, esteve ali installada uma associação academica de estudantes, um collegio e o chamado Salão Americano, de Jovani. Do lado do norte tem estado uma escola publica e um armazem de cereaes de um negociante portuense, que traz alugada uma parte do convento que lhe serve para habitação e celleiro. Na cêrca estão: —Do lado do norte, umas albergarias aonde se recolhem cavalgaduras, e do lado do sul está um barracão aonde se davam espectaculos.

Em 23 d'abril de 1839 teve a camara de pagar aos Proprios Nacionaes a quantia de 210$000 réis para alargar a rua de Santa Thereza cortando uma parte da cêrca, e em 1840 foi a mesma camara encarregada de informar a respeito de uma planta para a construcção de um theatro n'aquelle local, theatro que não chegou a construir-se.

VI

O recolhimento do Anjo

Como este instituto tinha os privilegios de convento, não póde deixar de entrar a sua descripção n'este despretencioso trabalho.

Foi uma senhora distincta pelos meios de fortuna e pela nobreza, D. Helena Pereira da Maia, que fundou e dotou este recolhimento na capella de S. Miguel, no sitio do Olival, para recolher dez donzellas nobres que ficassem orphãs.

Para isso pediu licença e terreno á camara em 24 de fevereiro de 1672 e em 9 de julho do mesmo anno obteve um alvará em que se declarava este instituto debaixo da protecção real.

A camara ajudou este recolhimento com

a doação dos terrenos e varios beneficios e, quando elle começou a admittir que ali estivessem recolhidas varias senhoras e fosse augmentado o numero d'elles, deu em 1684 a quantia de 100$000 réis para que tambem fossem ali recebidas as orphãs e viuvas dos officiaes que serviam no Ultramar.

Em 19 de julho de 1755 foram ainda applicados os sobejos do rendimento do concelho de Bouças para as obras dos novos dormitorios com que se estava ampliando a casa.

Á vista d'isto se vê que o instituto deixou em breve de ser, como fôra, destinado só para dez orphãs nobres e se tornou um recolhimento que recebia senhoras, que por falta de meios ou por desejos de viverem em clausura, ali se recolhiam.

Na descripção do Porto, publicada em 1788 pelo padre Rebello da Costa, diz este distincto escriptor que viviam ali oitenta e duas pessoas contando as creadas e pencionistas, pois havia senhoras que se internavam n'esta casa emquanto os maridos estavam ausentes do reino.

Usavam as recolhidas um habito de côr parda e touca branca; resavam em côro o officio de Nossa Senhora; tinham missa

conventual; estavam sujeitas á jurisdição do prelado do Porto desde 9 de janeiro de 1686 e era preciso aviso regio para entrar qualquer senhora para a communidade.

A construcção do edificio era modesta, e a capella denotava mais decencia do que apparato.

Extincto este recolhimento no tempo das luctas politicas que tiveram por termo a victoria do partido liberal, e mandadas as ultimas recolhidas para o convento da Avè-Maria, foi o edificio cedido por decreto de 20 de maio de 1833, á camara, para ali fazer um mercado e passeio publico.

Em 30 do mesmo mez declarava-se ao municipio que tomasse posse, mas não entrega, por estarem lá alguns doentes (talvez feridos do cêrco) e só em 5 de junho é que a camara ficou senhora e possuidora do recolhimento.

Em 8 de fevereiro de 1834 mandou o senado portuense levantar a planta do mercado, e approvou-a em sessão de 8 de março do mesmo anno.

Para realisar esta construcção quiz a camara formar uma empreza e para isso pediu o Auxilio da Associação Commercial, mas não podendo esta dar-lh'o, como fez saber por officio com data de 5

de junho de 1836, resolveu então o municipio aforar os terrenos para a construcção de barracas e lojas, e assim realisou a sua obra vindo a demolir o convento em 7 de outubro de 1837 e abrindo o mercado, já completo, em 9 de julho de 1839.

As imagens da capella dó recolhimento foram dadas a algumas egrejas e o padroeiro, que era S. Miguel, foi para a capella das Almas de S. José das Taypas, aonde se conserva.

FIM

INDICE